

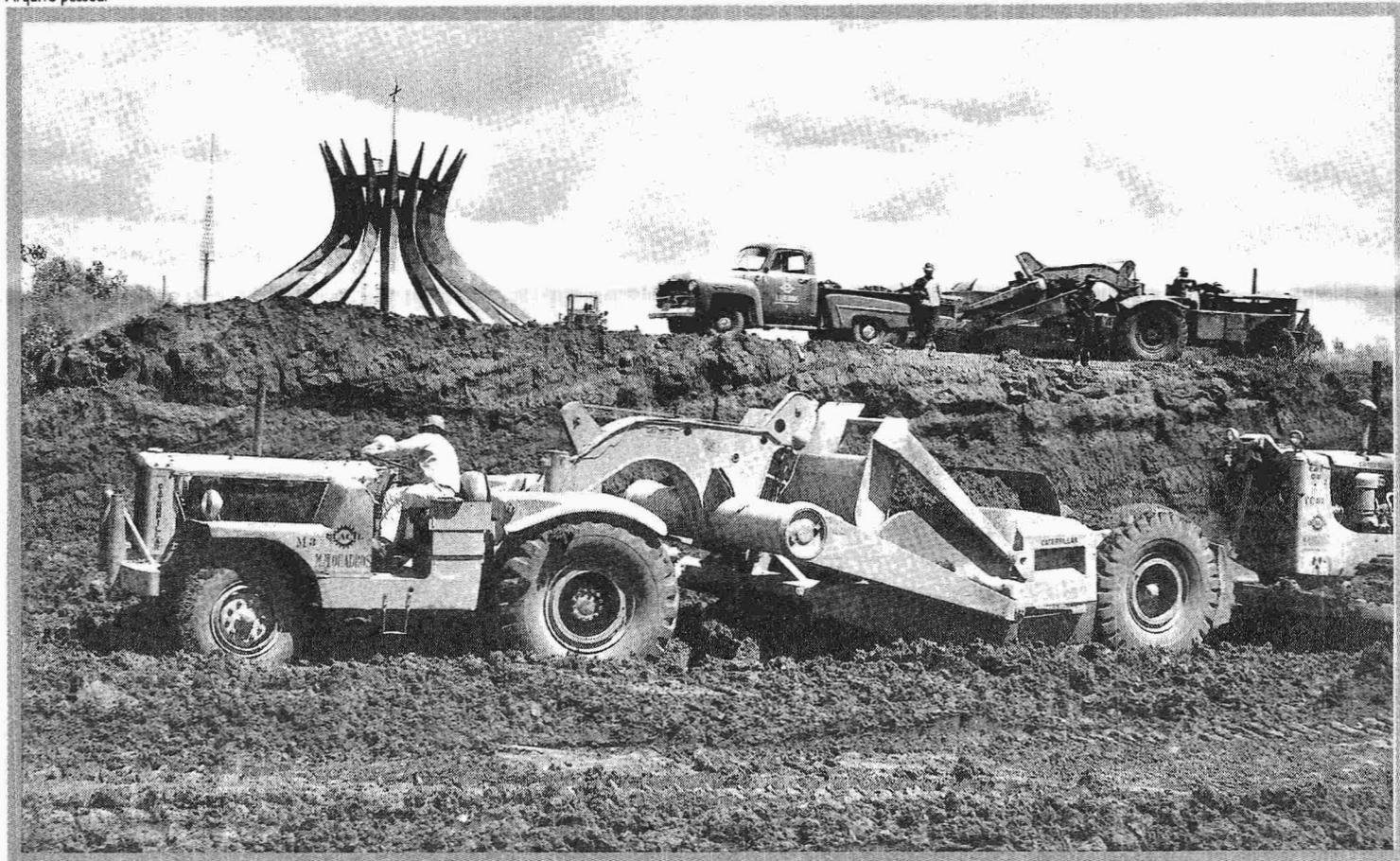
## PIONEIROS



Adilson Tinoco

# Ajuda para manter as máquinas funcionando nas obras da capital

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília era apenas uma promessa de Juscelino e uns rabiscos na prancheta de técnicos e engenheiros quando o mecânico Adilson Tinoco aqui chegou. A eficiência no trabalho como aprendiz de mecânico no Rio de Janeiro o levou a receber um convite para trabalhar na construção da futura capital. Muito dedicado em seus afazeres, ele recebeu o convite como um elogio e ao mesmo tempo como um grande desafio.

Em 1º de julho de 1957, o pioneiro desembarcava em uma caminhonete Dodge no “faroeste” do Núcleo Bandeirante ao lado do colega e chefe João Ventura, da MM Quadros — construtora responsável por grande parte das obras de Brasília. A viagem de quatro dias do Rio de Janeiro ao Planalto foi cansativa, mas a paisagem diferente e cheia de surpresas agradou aqueles olhos, até então acostumados com a paisagem carioca. “Saímos do Rio, passamos por Araras (SP), depois seguimos por Uberlândia, Goiânia, Anápolis e Brasília”, lembra Adilson, que se encantou com a quantidade de fazendas e a religiosidade da Ci-

dade Eclética, próxima a Águas Lindas, onde “viviam uns frades capuchinhos”.

Diante da paisagem desoladora da Cidade Livre, os visitantes se mostraram encabulados com o que viram. “Rapaz, onde foi que nós viemos parar”, repete com exatidão as palavras do colega. Ainda meio inconformados com o local, os dois, logo no outro dia cedo, foram comprar sabonetes e pasta de dente e aproveitar para conhecer melhor a cidade. “As mercadorias

ficavam expostas nos bancos das calçadas em meio àquela poeira toda”, lembra. Para driblar a poeira e se proteger do sol escaldante, o jeito era calçar as botas e vestir um macacão sem esquecer do chapéu.

### Os primeiros trabalhos

Mal teve tempo de se acomodar e o mecânico foi chamado para fazer o reparo da TD 18 — um trator de esteira — que acabou quebrando por excesso de uso nos trabalhos de contenção da

água da barragem do Torto. “A máquina estava trabalhando há mais de trezentas horas quase ininterruptas”, conta o pioneiro. Era comum o desgaste mecânico dos tratores e a fundição dos motores por causa do funcionamento excessivo.

Além da barragem, Adilson prestou inúmeros serviços pela cidade afora sob os olhares apressados dos engenheiros que costumavam fiscalizar as obras. “Quando Juscelino não ia, mandava Israel Pinheiro ou o

O SERVIÇO DE TERRAPLANAGEM DE DENTRO E FORA DA CATEDRAL FICOU A CARGO DE ADILSON

Dr. Getúlio fazer a vistoria.”

A compra de máquinas mais modernas — TW 10 e o TW 15 — o permitiu rasgar o cerrado e dar início à construção da barragem Saia Velha. O pioneiro ficou responsável pelo desmatamento da

028

## PIONEIROS

O pioneiro chegou a Brasília em 1957 para fazer os reparos necessários nas máquinas que construíam a nova capital. Hoje é proprietário de uma empresa de construção e terraplanagem



JÁ CASADO COM ILMA, ADILSON SE MUDOU PARA O GUARÁ E FORMOU FAMÍLIA

região e pelo preparo do terreno. Os serviços de terraplanagem de dentro e fora da Catedral Metropolitana, do Ginásio de Esportes, do trevo no Eixão, da ligação da W3 Sul e Norte e da Rodoviária também ficaram a cargo de Adilson. Além disso, a urbanização da 104 Norte teve a participação e o esforço deste pioneiro.

Até o almoço dos operários ele cuidava de levar. O jipe com tração nas quatro rodas, na época das chuvas, garantia a refeição quentinha. Sentado ao lado dos companheiros e com o olhar no horizonte, ele se perguntava: “Será que um dia vamos ver isso tudo aqui funcionando?” Como muitos daquela época, ele também se mostrava um pouco cético quanto à transferência da capital.

A resposta veio em pouco tempo. No dia da inauguração, Juscelino Kubitschek ordenou que todos os tratores, máquinas utilizadas na construção e os veículos desfilassem do balão do aeroporto ao Eixão, onde estava o palanque do presidente. “Foi uma emoção muito grande ver todos os soldados desfilando e saudando a todos”, lembra emocionado o candango. O sonho de Juscelino se realizava. A partir daquele dia a cidade não parou mais de crescer.

Outra lembrança viva na memória do pioneiro traz de volta a solidão e a dificuldade de transporte naquela época. Foi durante a inauguração da Rádio Nacional. O show de Luiz Gonzaga, Vanderlei Matos e do locutor Sérgio Dias varou a noite e deixou Adilson a pé. Ele foi da W3 Sul até o acampamento na Candangolândia (próximo ao balão do aeroporto), onde morava, ca-

“**FOI UMA EMOÇÃO MUITO GRANDE VER TODOS OS SOLDADOS DESFILANDO E SAUDANDO A TODOS NO DIA DA INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPITAL**”

minhando sozinho em plena madrugada. “Levei quase duas horas para chegar em casa. Eu e Deus”, garante o desbravador.

As dificuldades eram tantas que, para fazer os pedidos das peças de reposição das máquinas, o mecânico tinha de se deslocar até o aeroporto para

pedir uma ligação para o Rio. “A telefonista de plantão era quem fazia a ligação”. O aparelho, daqueles de alavanca, era o único que existia até então, por isso, era bastante disputado. Dias depois as peças chegavam de avião e o trabalho era retomado. “Trabalhávamos de sete da manhã às dez da noite e quando estragavam, a gente virava a noite”, conta.

#### O futebol da folga

A solidariedade dos moradores, a pelada no domingo — ele sempre jogava futebol com os amigos — e o calor humano são lembranças boas, que ele sempre faz questão de contar. As partidas do Botafogo e do Santos ficaram guardadas em sua memória. “Eu vi, de pertinho, o Garrincha com aquelas pernas tortas, o Pelé, o Didi e o Nilton Santos também”, conta o zagueiro, que sempre ganhava ingressos para assistir às partidas. Como havia pouca diversão na cidade, os campos de futebol viviam cheios. Mulheres, então, eram raridades. “Quando che-

gava uma mulher lá no Núcleo Bandeirante todos puxavam conversa com ela”, lembra.

O estilo de vida simples era observado principalmente na rusticidade dos alojamentos. Segundo conta o pioneiro, os primeiros acampamentos eram todos construídos de lona. Aos poucos, o material deu lugar à madeira, que trouxe mais conforto e segurança aos moradores.

Foi em uma casa simples, de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, que Adilson morou assim que chegou a Brasília. O piso “vermelhão” era um luxo e, quando encerado, se contrastava com a palidez do cerrado.

Depois do casamento com Ilma, a família cresceu e o morador do “Candanga” se mudou para o Guará, onde vive até hoje. E pelo visto, de Brasília ele não sai nunca mais. As lágrimas que escorrem dos olhos do pioneiro quando fala sobre Brasília traduzem com exatidão seu amor por tudo isso aqui. “Não tenho nem palavras para expressar o que sinto por Brasília”, afirma o empresário.

## Raio X

#### Nome:

Adilson Tinoco

#### Idade:

64 anos (ele chegou a Brasília com apenas 18 anos de idade)

#### Origem:

Rio de Janeiro

#### Ano de chegada a Brasília:

1957

#### Profissão:

Empresário (proprietário da Quacil Construções e Terraplanagem)

#### Esposa:

Ilma da Conceição Melo Tinoco

#### Filhos:

Andréia, Carla, Fernanda e Bruno

## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

